

Construção - Incipit Liber

*Incipit*¹ – Subimos os degraus e entramos em *Casa*. Primeiro, sete *Passagens*. Depois saímos para o jardim. Voltamos a entrar em casa e já são mil pequenas passagens que atravessamos. *Dias* e *Noites*. Memórias arrancadas, papéis de livro dobrados *in-quarto* ou talvez em *in-octavo*. Passamos e voltamos a passar numa circundação sem fim. Havemos de nos concentrar - *Oiço o coração bater* - e depois saímos. Todos os objectos de Maria José Oliveira se ligam uns aos outros como o silêncio da casa toca no infinito. Construção não é um fim de um processo mas um começar de novo.

Em *Passagens*, número zero - *Teste para branco*, como em *Casa*, Maria José Oliveira inicia, tendo começado já, a construção de um desassossegado e desassombrado Corpo.

Definição breve: se for possível não falar de uma Artrologia mas sim de uma Arteologia, (esta talvez possa procurar “fazer”, sem cessar, as junções ou juntas, as articulações e as conexões vitais e invisíveis de um *corpo impossível*) então deixaremos cair o r porque a artista mostra-nos a possibilidade da génese de um “e” entre *Passagem um e dois e três até sete* ou entre *Árvore* e *Colher quase branca* e *Colher Negra* e *Ovo de Gansa* e *Memória* e, e, e, e...

1. Tarefas preparatórias - A *Casa* começa sempre pela *Árvore*. E dentro de casa estava o *Estudo Preparatório*, foi necessário encontrá-lo, lavá-lo e raspá-lo. Antecipação numerada, em tela crua, mapamundo ao contrário, esboço de Construção. Havemos de atravessar a casa toda até só guardarmos a *Memória* dela. Encontraremos em todos os objectos gestos de uma “Escrita” suspensa e atada com fio do norte ou um *Prego*, ponto invisível de onde sai uma linha infinita de criação. Registos e notas das matérias nos materiais (tela crua de algodão, papel de livro de poemas, acrílico, pigmentos básicos inorgânicos, madeira, cordel, prego, estafe, folhas, cera, ovo de gansa, cal, fechaduras e dobradiças, luz e ar, letras, palavras e números, osso, grafite, linho cru, espelho, resina apóxica, argila), conexões novas, encaixes, inserções, passagens de alegria, clausuras, trajectos, entradas e saídas, coisas vindouras, fragmentos, solenóides, forças e desejos.

As passagens nunca são lineares. Como se murmurássemos: a minha casa é o meu corpo e o meu corpo rizomático um jardim secreto feito de mil lugares e caminhos enrolados, dobrados ou estendidos e cruzados. Como quando sentimos que o corpo é inteiramente construído com vazios, atmosferas, espaços entre, cortes, intervalos, deslocamentos, uniões e separações, tensões e fluidos, devires. E nele escreve-se com palavras codificadas, com letras e números por decifrar. Cada objecto isolado e emancipado, autónomo e livre parece dizer de forma estranhamente familiar “não tenho

¹ (palavra latina) Começa.

nada a dizer” senão... que nesta casa todas as passagens e todos os objectos comunicam uns com as outras e outros.

Desmancha-se o livro, desdobram-se as páginas, afastadas, raspam-se, lavam-se, abrem-se interstícios e micro-fissuras, unem-se as folhas tornando-as velino fino. Apagam-se os registos, a escrita primitiva, para fazer nascer uma nova. Palimpsestos.

Diz uma lenda estrangeira que quando se consegue fazer mil *tsurus* desejando com uma força inteira o desejo realiza-se. Volta-se então a dobrar mil vezes e das linhas finas e preciosas sai uma figura, um desenho à direita. E à esquerda o desejo quase realizado. Seis desejos. Antes experimentam-se as linhas, torce-se o fio do norte, suspende-se e desenha-se em branco. Do outro lado do papel, lá para trás, muitas vezes para trás, o tempo e o espaço encolhem dobrados sobre si. O coração e a memória, reduzidos a fios finos de tudo quanto se foi, começam a abrir-se. Três fios atam-se suspensos num quarto. *Primeira Passagem* (que pode não ser a primeira e vir numa outra ordem qualquer): um livro aberto com um dentro de onde saem dois elos que se encontram suspensos em mais do que duas dimensões. *Segunda Passagem*: num só ligamento enxertam-se dois fragmentos. Uma enxertia que fará de dois um só que se desdobrará, não se sabe bem como, numa multiplicidade. *Terceira Passagem*: duas dobras paralelas a formar um exterior e um interior. *Quarta Passagem*: dois elos unidos desenhados e construídos. *Quinta Passagem*: Uma nova enxertia. *Sexta Passagem*: união de dois em repouso, de um lado. O começo do movimento do outro. Três círculos para o começo de uma espiral.

“Dizem que não ha nada mais difficil do que definir em palavras uma espiral: é preciso, dizem, fazer no ar, com a mão sem literatura, o gesto, ascendentemente enrolado em ordem, com que aquella figura abstracta das molas ou de certas escadas se manifesta aos olhos. Mas, desde que nos lembremos que dizer é renovar, definiremos sem dificuldade uma espiral: é um círculo que sobe sem nunca conseguir acabar-se. A maioria da gente, sei bem, não ousaria definir assim, porque suppõe que definir é dizer o que os outros querem que se diga, que não o que é preciso dizer para definir. Direi melhor: uma espiral é um círculo virtual que se desdobra a subir sem nunca se realizar. Mas não, a definição ainda é abstracta. Buscarei o concreto, e tudo será visto: uma espiral é uma cobra sem cobra enroscada verticalmente em coisa nenhuma.”²

Voltemos a outra fase da construção: as folhas separam-se e unem-se com fios invisíveis, fez-se o teste para branco, guache, fez-se o arquivo e guardaram-se num involucelo os materiais alicerces, circunstanciais. Acondicionaram-se os restos, as ruínas, os fragmentos. “Concretos” poderão ser

² Fernando Pessoa, *Livro do Desassossego*, Ed. Ática, 1997, p. 261.

“lidos” logo a seguir. Evocações do corpo inteiro. As sete passagens formam uma só e mais complexa. Raspar e dobrar até ao novo é o que faz M.J.O.

São, pois, passagens de um livro novo, passagens do tempo, do que acontece no mundo. Mas, são também antecipações das coisas vindouras, porque nelas já existe o que nos reserva o futuro. Rupturas com o passado. A destruição, a erosão como condição primeira da construção. O passado e o futuro unem-se, os objectos procurados, sempre em risco e ameaçados de desaparecer, antes mesmo de serem verdadeiramente vistos, vão irromper no presente vindos dos dois lados. Um certo tempo explode, com os registos e as memórias. Arrancados às vicissitudes mais violentas, encontrados, reparados, “assistidos”, os objectos são “construídos” ou aparecem de antemão, para irem ao futuro com o passado enrolado e emaranhado até às entranhas, assim mesmo, ubíquos, vão buscar as forças mais estranhas e favoráveis à realização do desejo.

2. Preparação do corpo. Pode então começar-se a suspender o *Sistema Muscular e Coluna Vertebral*, armação e *Ossatura*. Três fios visíveis são suficientes. Suspenso, aparentemente frágil, volúvel o *Sistema* é um corpo relampejante (de um lado folheado a ouro e argila). Quase nu e envolto no seu próprio abismo é agente dos movimentos, contrai-se e distende-se. Corpo oxímoro, resistente, na claridade obscura, prestes a desaparecer, interior exterior a expandir-se em volta de um eixo. Ganha-se um interior, um meio. O seu eixo – a *Ossatura* – vemo-la no centro mesmo. São conexões, juntas, discos intervertebrais. Contactos que produzem movimento e dependerão da natureza dos elementos e das forças.

Depois das passagens, criadas as articulações é necessário conseguir um deslizamento, um deslocamento entre superfícies. Para haver movimento entre as articulações, entre os corpos vertebrais existem discos maleáveis, anéis fibrosos com núcleo, membranas fibrosas. São eles que asseguram a união das vértebras e permitem os movimentos. Feitos de feixes de superfície lisa e polida, branqueados, estão um por um no seu lugar. O movimento do tronco faz-se em torno de um eixo de feixes. Consegue-se o movimento, o equilíbrio e um amortecedor. Uma protecção contra os choques mais violentos e as colisões mais destruidoras. Discos paradoxais separam e unem. Mesmo ao lado três corpos tubulares, protectores, que passam no interior dos discos e das vértebras. Porções alongadas de cordão arredondado, medula em repouso, feitas em tela crua e envolvidas por camadas: a primeira – dura-máter; a segunda – aracnóide; a terceira – pia-máter. Da mais exterior para a mais interior, sensível e misteriosa. Uma mãe resistente e uma mãe protectora, entre elas uma fina membrana, espécie de teia de aranha que vibra ao mais pequeno impulso das outras duas. Um corpo subtil, feminino no mais interior dos interiores.

Porquê uma porção do *Antebraço*? Com fecho em latão e dobradiça (gínglimo) concentra a potência das flexões do punho, da mão, dos dedos. Estão lá os flexores mais importantes e o vazio. A

mão livre pode desenhar, abrir-se e fechar-se como um livro, procurar, remexer, rodar, flectir, dançar, pairar. As condições vitais para a construção/criação estão aí, mais ou menos visíveis.

O *Torso*, corpo suspenso em tela crua, endurecido no interior com areia de sílica é suturado com fio do norte. Espécie de conglomerado de fios em união íntima, como uma rocha formada de fragmentos de outras rochas que se uniram naturalmente por matérias estranhas e formando um todo, que é um corpo. Tem um lado interno, com uma profundidade desconhecida, como o *Antebraço*. Mas o que é que lá está? Nada. Não há nada dentro, podem ambos abrir-se e nada há, fugiu-lhes a alma. O interior não existe. Mas pode intuir-se. O que esconde então um corpo?

O vestuário e os adornos: A *Gola Colar*, adorno divino como um toucado *nemés*, feito em linho, fio a fio, de memória quase branca, num branco sobre branco. Repousa em simetria irregular, orla e função mágica. Virado, é beira da cobertura que estando fora volta para dentro. Quando a gola se vira revira-se do interior para o exterior e simultaneamente do exterior para o interior; e a *Camisa*, passa pelos os corpos, cobre-os mas des-cobre-os, é feita de passagens enrugadas de onde saem dobras que desenham linhas. Parece ter um dentro mas quando se abre é toda um fora.

Como fixar o interior no interior?

A pele é a fronteira, lugar das trocas, camadas sobrepostas de membranas que protegem contra a estranheza familiar que envolve o corpo todo e que se vê em *Radiografia*. A pele é memória, a superfície mais funda. Espaço de inscrição. Tela crua, fibra. Tornada feixe é um corpo, zona de indiscernibilidade, lugar do tudo-ou-nada. Quanto do mundo foi necessário para alcançarmos a memória?

O *Ovo* é um interior desconhecido. Qualquer coisa se passa nele. Deleuze³ pôde dizer que dentro dele “estoiram acontecimentos, fulguram fenómenos do tipo relâmpago ou raio.” Desenvolvem-se movimentos vitais sistemáticos, deslizamentos, torções que só ele pode suportar. Outro ser qualquer não resistira. Diria ainda: “A evolução não se faz ao ar livre” são “movimentos terríveis que só podem ser suportados nas condições de um sujeito larvar.”

Os objectos *Fechadura*, Clausura põem a nu o esquecimento, o apagamento, a própria inexistência. Alimentam-se deles e ao mesmo tempo em estado nascente sabem o segredo e têm a chave que os libertarão.

E o *Vegetal*, papel translúcido não é pele? Coluna vertebral estendida em hera? É Caule com folhas enxertadas e violentamente deslocadas mas fixadas como os tendões fixam os músculos ao osso.

³ Gilles Deleuze, *Diferença e Repetição*, Ed. Relógio d'Água, 2000. p. 356.

Anexo. O que é construído? O objecto e o espaço em volta. A presença material de um corpo em filigrana. Mas como se entrelaçou tal fio com aquele outro? Como escorreu a cera naquela direcção? Porque balança a *Vassoura*? O que faz o Prego na parede?

Os materiais no seu segredo maior, escondidos, entram em consonância. O que talvez não se veja – o Pé a Mão, as cinzas, Cone de Sombra linha de Luz ... e o que se pode ver – o *Torso*, o *Espelho*, rosto enrugado e marcado com linhas paralelas e perpendiculares, que é um espelho do avesso, um quase rosto, quebrado, que deixa passar nele nuvens e manchas, o claro obscuro dos dias e das noites. O que vê este rosto? Quem pode olhar assim? Quem pode olhar assim vê para lá dos olhos que não precisa de ter e não tem.

Quantos dias e quantas noites para ouvir um coração bater? Para chegar a esse estado nascente, quantas mortes e quantos lutos serão necessários? Como medir um tremor de terra e captar as ondas mais rápidas que atravessam sólidos e líquidos e as ondas mais lentas que causam maior dano?

Todas as forças do mundo concentradas no exacto ponto da inserção do prego no estafe, do nó na *Memória* (que a fecha e a torna amnésica), do começo da bifurcação na *Vassoura*. Quantas forças entre todas as coisas do mundo e, e, e. Os nós atam-se e desatam-se são pontos e linhas livres a tender para o infinito. Como uma criança que na sua beatitude joga ou brinca com um fio ou salta à corda, sozinha no universo. E nós gostamos de olhar e não nos cansamos, porque a sua alegria nos atrai e contamina.

Desfeito o livro e o segredo entra-se em casa com um corpo que desafiou todas as forças, maleitas, silêncios, dores e invisibilidades cruéis. Inicia-se uma passagem do finito para o infinito. É um encontro de matérias com o desejo e os afectos. Construir um corpo que se diz a si mesmo: é possível experimentar, sentir, conservar-se, criar, viver. Apanhado por uma brisa, deitado, a dormir e a sonhar, suspenso numa árvore, apanhado por um segredo ou guardado num mistério. Corpo de criança, de mulher ou de homem, andrógino. Construir como a natureza constrói. Devir correntes de ar, ventos oceânicos e agir sobre a superfície mais profunda e mais ínfima. Devir tempo e espaço de mudança. É aí que as forças agem. Depositam-se os materiais geológicos dobram-se em camadas, moldam-se, esculpem-se desertos e dunas, transportam-se as energias que farão lagos, montanhas, terras sem fim. Corpos paisagens em transe. Deslocados, suspensos, desapropriados, desmanchados, recortados, lavados, atados, estendidos, emaranhados e radiografados.

Por fim voltemos à “Escrita” codificada, encontrámo-la muitas vezes visível outras menos. Uma escrita pode ser uma força, escrever para não morrer, dizia Blanchot, escrever quando não se sabe ainda o que pensar dessa coisa que se deseja. Escrever assim, desloca, desterritorializa, pode ser inconsciente, uma espécie de relojoaria de movimentos sísmicos, subatómicos. A escrita de M.J.O. é uma escrita do inumerável, do estremecimento, do gesto sem palavra (veja-se *Estudo Preparatório*, *Dias e Noites* e *Memória e Oiço o coração bater*). As palavras soltas como palavras-objectos, juntas a delirar ou estilhaçadas, os números suspensos, sem contexto nem referências. Podemos contar em sequência

10/15, 15/20... ou sem norte orientados na vertical 1,2, ou 37 , 38, 101, 102.... ainda em quadriculado 23, 24, 25, 26, 27..... uma escrita do corpo como uma anatomia improvisada. Podemos juntar letras, formar palavras, sequências ininteligíveis, inimagináveis, hieróglifos, até ao seu desvanecimento na memória, fios descontínuos de palavras, cortados em certos dias e noites. Palavras para se verem ao espelho ou semelhantes a:

Ó ai alma ou amla afastar ceu árvores falta

Ou poemas entrecortados onde as palavras abertas se parecem com folhas ou com objectos como *Clausura*. Palavras que se voltam a fechar, inscritas nos fios que até mais de metade eram brancos. Em certas zonas as palavras quase se desenrolam, noutras enrolam-se nos fios têxteis e embranquecem, jogam às escondidas. Às vezes parecem ritornelos, canções de embalar, alfabetos e geometrias construídos no imprevisto, no fio da navalha ou com o fio de Ariadne.

Remate. M.J.O. constrói com improvisos técnicos altamente refinados, infrafinos, precários e ocasionais, procedimentos de escuta a sentir os materiais que gritam quando se retorcem em altas temperaturas ou se imobilizam no maior gelo. São objectos urgentes, próprios de uma certa urgência da vida, da energia e do pensamento. Voltar à vida é devolvê-los à matéria de onde são oriundos. Com uma arte misteriosa e um certo poder mágico, um “fazer” inconsciente num movimento primeiro de invenção do mundo, constrói os objectos que nos restituirão o corpo intensamente frágil e o espaço em volta. Poderemos deixar de ouvir o coração bater? Na verdade não há nem pode haver *Explicit liber*⁴.

Lisboa,15/05/2014

Ana Godinho

⁴ Termo latino que significa: “o livro acaba aqui”